

REMÉDIOS CASEIROS OU NATURAIS HOMEMADE OR NATURAL MEDICINES

Mário Cândido de Oliveira Gomes*

“Tratar o cordão umbilical dos recém-nascidos com teia de aranha, pó de café, fumo queimado, lama e até estrume de vaca é um costume que ainda existe em nosso país. Ou, então, usar folha de bananeira untada de óleo, para amenizar as terríveis dores do fogo selvagem; ou receitar moela de perdiz com pinga para curar a hepatite. São receitas quase sempre perigosas, mas muitas vezes as únicas de que dispõe o caboclo para proteger a saúde de sua família. É assim que vive ou sobrevive a população rural ou marginalizada nas grandes cidades.”¹

A designação remédios caseiros ou naturais representa um termo questionável e, às vezes, criticado pelos médicos como sendo um tratamento de efeito limitado. Tal terapêutica é feita com plantas ou substâncias minerais (argila, enxofre, etc.) que são apresentadas de diversas formas, como chás, infusões, xaropes, tinturas, compressas, cataplasmas, pomadas, unguentos, óleos, banhos, etc. Todas as substâncias contidas ou utilizadas nessas apresentações visam a usufruir de suas propriedades medicinais, como anti-inflamatórios, antissépticas, relaxante muscular, etc.

De todas as receitas utilizadas na medicina caseira para a cura das enfermidades, as plantas ou ervas predominam largamente, recebendo o nome de Fitoterapia, que vem do grego *phyton*, que significa planta, e *therapeia*, tratamento. Portanto, é baseada nos princípios ativos das plantas, sendo precursora da farmacologia moderna.

Diz-se que “a utilização das plantas para fins medicinais é tão antiga como a própria humanidade, sendo a forma usual de tratamento no Ocidente até o século XVIII”. Um papiro de Tebas datado de 1.500 a.C. contém alusões a centenas de plantas medicinais, muitas das quais, como as sementes do cariz e canela, ainda hoje são utilizadas. No Egito, a rainha Hatshepsut (1.490 a.C.) viajou a Punt para receber de seus soldados um carregamento de plantas medicinais. Os gregos e romanos também utilizaram plantas medicinais. Com efeito, à medida que iam conquistando e percorrendo o mundo, seus exércitos difundiam os conhecimentos e também adquiriam práticas. Também as culturas chinesa e indiana fizeram e continuam a fazer o aproveitamento das ervas em escolas e hospitais. Na Índia, a utilização de medicamentos à base de vegetais é parte integrante do Ayurvedismo.

Na Idade Média, os livros sobre plantas e suas virtudes medicinais eram meticulosamente copiados a mão em mosteiros, sendo que cada um tinha seu próprio jardim, onde eram cultivadas as plantas destinadas aos monges e habitantes locais. A invenção da tipografia no século XV promoveu uma revolução nos conhecimentos, por meio da compilação e publicação de livros clássicos sobre as plantas e suas virtudes. Por sua vez, as viagens de descobrimento ampliaram o mundo botânico conhecido, descobrindo civilizações em estágios avançados de tecnologia e conhecimento a partir do uso de plantas locais. Desse modo, a farmacopeia da Europa foi enriquecida com a contribuição do Oriente Médio e da Ásia e, pouco depois, com a vastíssima tradição do Mundo Novo, incorporando espécies como a lobélia, a cáscara sagrada, o sassafrás, a quina e a coca.

Com efeito, na época em que Henry Potter se estabeleceu como fornecedor de plantas e negociante de sanguessugas, em Londres (1812), já era possível encontrar,

graças aos progressos na navegação, muita informação sobre a utilização de plantas para fins medicinais. A firma de Potter existe até hoje e a sua enciclopédia sobre drogas e preparações continua sendo aplicada.

Em 1864, foi fundada a Associação Nacional de Plantas Medicinais, na Inglaterra, que existe até nossos dias para a preparação de profissionais e a manutenção do exercício da profissão. Até o século XX, o instituto resistiu às tentativas de grupos de pressão da área da medicina convencional, digam-se laboratórios, que pretendiam banir as plantas medicinais.²

Somente não desapareceu pela força da opinião pública, pela divulgação da fitoterapia e da medicina homeopática.

“Outrora existiam remédios para todos os gostos. Molière dizia, a respeito de seu médico: curo-me sempre não tomando os medicamentos que ele me prescreve...”. Assim, continua o articulista, “para as pessoas magras, que desejam engordar, os esculápios receitavam apenas isto - aranhas. E às que queriam evitar uma velhice precoce, se lhes prescrevia caldo de víbora, o qual era preparado com muita arte. Quem quisesse curar-se de doenças benignas, bastava somente respirar a fumaça de um punhado de cabelos queimados e havia uma infinidade de “pós animais”, que se vendiam em todas as farmácias, destinados aos mais variados achaques, como pó de lobo, tripas, chifre de búfalo, de pulmão, de raposa, etc. A fim de combater os males crônicos, empregava-se o “Orvietan”, panacea composta de cinquenta e uma drogas diferentes e onde figuravam as coisas mais estapafúrdias, como coração de veado, estômago de lebre, crânio humano, pelos de bode, testículos de macaco, carne de serpente, etc.”³

Há quatro mil anos, os chineses receitavam para doenças de pele cascas de gafanhoto; para náuseas, uma colher de terra queimada; para fraqueza física, pele seca de tartaruga; para febre alta, uma colher de chifre de rinoceronte; para hemorragias, caldo de ossos de tigre ou suco gelatinoso de pele de mula... Todavia, onde a Medicina jamais errou, é no que diz respeito às virtudes terapêuticas de centenas de plantas.

Aliás, Hipócrates somente aconselhava medicamentos vegetais. Assim, para sinusite, inalações com camomila; impotência sexual, combinação de alecrim, chapéu de couro e catuaba; hemorroidas, banhos de assento com castanha da Índia; acelerar a menstruação, infusão de canela; gases, chá de funcho; espinhas, lavar o rosto com chá de bardana; dor de cabeça, semente de citros ou boldo da terra; herpes, infusão de salsaparrilha; má circulação, castanha da Índia; cistite, banho com vinagre; cicatrização de feridas, casca de jatobá; laxativo, sene com cáscara sagrada, etc. Entre nós, a saúde sempre foi um grande problema.

No período colonial, enquanto as irmandades mais ricas mantinham médicos nas áreas urbanas, as mais pobres resolviam seus problemas com os chamados boticários. Todavia, foi com os indígenas e a experiência dos negros, sobretudo das mulheres, que as classes mais carentes apelavam, principalmente na decadência da produção do ouro.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 13, n. 3, p. 31 - 32, 2011

* Ex-titular da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da PUC-SP, Livre docente pela UNIFESP, Doutor pela PUC-SP.

Recebido em 20/7/2011. Aceito para publicação em 20/7/2011.

Contato: gomesmarioc@uol.com.br

O conhecimento das plantas medicinais da colônia, dominado pela cabocla e a mulata, unido ao das ervas trazidas pelos portugueses, foi sendo repassado através das gerações, originando o costume de curar as doenças por meio dos recursos naturais.

“Ainda hoje, principalmente em Minas Gerais, os raizeiros e as benzedoras são muito procurados para fazer chás, simpatias, banhos e benzeções.”⁴

Atualmente, os homeopatas pesquisam e estudam esse receituário, buscando confirmar a eficácia dos remédios caseiros. São exemplos comuns: boldo e carqueja para os males do fígado; macelinha para os intestinos; flor de assa-peixe, depurativo para o sangue; arruda para limpeza dos olhos e folha de goiaba para diarreia. Também são utilizados o ipê roxo, barbatimão, sucupira, erva-moura, melão de São Caetano, cipó de São João, sassafrás e muitos outros.

Em nossos rincões mais remotos, as barracas de plantas e raízes medicinais são comuns, sendo um benefício para as comunidades mais carentes e atração para a curiosidade dos turistas. Também não se podem esquecer as crenças ou sabenças, que é a sabedoria popular para a cura de doenças ou a soluções de problemas pessoais através das benzeduras. Daí vem o nome de crendice, que é a crença no absurdo ou ridículo.

Ainda estão nos costumes e tradições do nosso povo - as simpatias, que são um ritual posto em prática... Assim, são usadas algumas comidas para dar sorte, como lentilhas, romãs, bagos de uva, etc. Ou, então, vestir camisa amarela para evitar o mau-olhado, urinar no formigueiro de formiga lava-pé para impedir a enurese noturna, atrasa a fala a criança que põe chave

na boca, chá de grelo de bambu faz a criança crescer, soprar no rosto em caso de engasgo ou dar três gotas de água fria para interromper o soluço, etc.

Nosso país, diz um estudioso, possui uma coleção imensa de plantas medicinais espalhadas pelos jardins de nossas cidades ou nos mais remotos recantos do “grande sertões-veredas”. E prossegue: “não é razoável que troquemos os nossos vegetais, na terra de Ipecacuanha, Salsaparrilha e tantas outras plantas medicinais, por drogas apregoadas nas revistas estrangeiras, pelos industriais farmacêuticos”.⁴

Apesar de tudo, diz um grupo intitulado Umbandeiros, “em primeiro lugar quero deixar claro que nada substitui um bom médico quando se este doente; então, tudo que vou deixar aqui escrito sobre medicina natural não cura pura e simplesmente, mas que ajuda, ajuda muito”.

Como se pode observar a medicina caseira foi durante muito tempo a solução para a maioria das enfermidades, mas, também acarretou grandes problemas, pelo empirismo e desconhecimento dos efeitos indesejados, inclusive apressando ou provocando a morte.

BIBLIOGRAFIA

1. Oliveira MCO. As doenças do campo. Rio de Janeiro: Globo; 1987.
2. Dicionário de Medicina Natural. Rio de Janeiro: Reader's Digest; 2000. p. 302-7. As virtudes terapêuticas das plantas.
3. Acharam MY. As plantas que curam. São Paulo: Círculo; 2006.
4. Arruda W. Medicina popular [Internet] [acesso em 7 jul. 2011]. Disponível em: <http://www.folclore.adm.br/medicinapopular.htm>.

